SINTRENSE, 0 — PORTIMONENSE, 1

DOMINAR NO MEIO-CAMPO NEM SEMPRE É VANTAJOSO...

Campo «Manuel Soares Barreto». Árbitro: Reinaldo Silva, de Leiria.

SINTRENSE — Levi; Pardal, Vitor, Barros e Sequeira; Mega e Marques; Calado, José Luís, Sérgio e Marquitos.

PORTIMONENSE — Daniel; Lino, Rebelo, Tonica e Jorge; Saraiva e Santos; Pais, Ramos, Lecas e Acácio.

Ao intervalo: 0-0. Aos quatro minutos do segundo tempo, Acácio, na conclusão de um pontapé de «canto», bateu Levi.

●

A equipa de Veríssimo, com o pontapé inicial, votando-se a uma toada de ataque sistemático, sem observar se o correr do jogo dimanava da sua velocidade e codícia, se do escalonamento do adversário.

Durante os primeiros vinte e cinco minutos, tentando flanquear a defesa contrária, com utilização do habilidoso mas frágil Marquitos ou, a menos espaços, com chamamento do seu dianteiro-centro José Luís ao embate com o seu opositor Rebelo, os homens do meio-terreno, Mega e Marques gizaram toda uma variada gama de triangulações.

A defesa visitada não adregara uma luta franca com o ataque opositor; não sentira o peso do seu poder nem da sua técnica e admitira uma vantagem posicional sem demandar vigilâncias especiais.

E o golo surgiu, não para desde logo definir um vencedor, mas para fixar que em futebol o engenho e a velocidade prevalecem em relação á força e que uma ordenação consciente é factor muito mais preponderante do que o domínio do meio-campo, quando neste não existe uma razão discernida da sua origem.

Perturbou-se a equipa local com o tento sofrido; ganhou confiança nos seus recursos e subtileza estratégica a forasteira. E, se sem vantagem se apetrechou convenientemente para ladear o valor insuspeito do adversário, a vencer pela diferença mínima, mais atenta e forte se revelou a defender-se pelo tempo adiante.

com um Saraiva lento mas de excelente posição no terreno aguentou o embate e quando o não conseguiu teve em Daniel um guardião bem colocado, atento ao correr da bola e valente a defender.

Esta falsa sensação de domínio não foi considerada pela turma local e apenas Mega se apercebeu da intransponibilidade da «muralha» oposta aos seus dianteiros, pois apenas dele partiu a iniciativa do remate violento de terrenos mais recuados mas mais libertos de adversários e, portanto, mais propícios ao êxito.

Os algarvios, por seu turno, operaram, claramente, procurando o contra-ataque rápido, inesperado, e sempre com origem num dianteiro em zonas mais atrasadas, normalmente Santos, parceiro e catapulta dos lances rechaçados pela sua defesa, com Saraiva no vértice.

Deste modo, folgaram a defesa local e o ataque contrário; não surgiram golos, mas a dianteira sintrense deixara no seu embate muita energia que necessitaria no prosseguimento da partida.

A quatro minutos do reatamento, a turma visitante abriu o activo, como corolário da feição do encontro no tempo anterior.

Assim, e até perto do final da p tida os sintrenses viveram na gra área dos algarvios, frente a quarteto activo, diligente e rijo, por detrás de si tinha ainda guardião que ganhou a admira geral da assistência.

Daniel, com a sua atenção e d são foi uma barreira imbatível persistência dos dianteiros con rios em obter um golo sem curar modo de o conseguir — parec querer levar a bola até ao fund rede — encorajou-o na sua vale

Mas, os algarvios nunca alter o esquema, a ordenação do seu E, ainda se abeiravam de aun a vantagem.

Reinaldo Silva fez uma a gem de excelente nível. Cert a decisão do «penalty» nega sintrenses, pois a bola ressal terreno para a mão do defesa monense com este em deseq Faltou, pois, no lance, o requ voluntariedade do jogador.